

# Índios produzem programa para a televisão

LUIZ ZANIN ORICCHIO

Como o índio brasileiro vê a si mesmo? Essa pergunta, em geral acadêmica e retórica, tem sido respondida, na prática, pelo videomaker **Vincent Carelli**. Seu trabalho anterior como indigenista lhe havia mostrado que as equipes de reportagem ou de etnólogos não faziam mais que "furtar" imagens dos índios. A idéia que teve foi um verdadeiro ovo de Colombo. Começou a ensinar aos índios os rudimentos do manejo de uma câmera de vídeo, de modo que fossem eles mesmos capazes de registrar suas imagens, ainda que sob supervisão dele ou de outros videomakers.

Hoje, o processo iniciado há dez anos culmina com a completa autonomia dos índios. São eles mesmos que registram e manipulam suas imagens. De objetos tornaram-se sujeitos da ação. Essa "emancipação" foi constatada num primeiro encontro dos documentaristas indígenas, que durou exatamente um mês - de 15 de agosto a 15 de setembro, no Posto Dianarum, no Baixo Xingu. O encontro foi financiado pela Cooperação Norueguesa, junto com o Núcleo de Escolas Indígenas do MEC.

De lá, Carelli saiu com duas certezas. Primeiro, que os índios já tinham know-how suficiente para captar e editar as imagens sozinhos. Segundo, que o resultado desse trabalho teria um canal de comunicação com a sociedade branca: os programas serão transmitidos pela Rede Brasil, da Fundação Roquete Pinto. "Contemplam-se assim as duas condições finais para a idéia que tínhamos em mente desde o início: primeiro, o índio produzindo integralmente as suas imagens, o que possibilita a transmissão de sua cultura no interior das aldeias; e, segundo, a abertura de uma janela para fora, ou seja, um lugar garantido de veiculação na mídia televisiva brasileira."

Isso não quer dizer que os cineastas indígenas ficarão desassistidos a partir de agora. Ao contrário. A intenção de Carelli e sua equipe é aliar a autonomia dos criadores aos subsídios técnicos que serão fornecidos pelas Universidades de Mato Grosso e, possivelmente, Brasília. O Programa de Índio, como se chama, não vai pertencer a nenhuma dessas instituições, afirma Carelli. "Será independente, porém apoiado."

Um apoio necessário, entre outros motivos porque os cineastas indígenas ainda têm longo caminho a percorrer em termos de aperfeiçoamento de uma linguagem audiovisual recém-adquirida.

Segundo Carelli, eles já filmam e editam de maneira competente, mas ainda estão no que se poderia chamar de "estágio descritivo" da gramática audiovisual.

O trabalho é fazê-los caminhar na construção de uma sintaxe mais refinada do cinema, o que será importante agora e também para a próxima geração de videomakers indígenas. Carelli confia no futuro porque, uma vez inoculado o vírus do audiovisual, não haveria mais cura possível. Eles deverão continuar filmando - e cada vez melhor.

**Otimismo** - Olhando em retrospecto, há motivo para otimismo. Ao longo dos anos, Carelli conseguiu estabelecer uma verdadeira rede de comunicação entre os indígenas, às vezes separados pela distância e por culturas muito diversas. Por exemplo, com seu vídeo *A Arca dos Zo'e'*, levou imagens desses índios, do Pará, para os uaiãpi, habitantes do Amapá. As duas tribos puderam comparar as semelhanças e diferenças entre os seus antepassados e promoveram um rico intercâmbio das respectivas tradições, ritos, práticas xamanísticas.

A partir desse encontro, puderam também discutir questões de ordem prática, como o desmatamento predatório das reservas, a presença dos garimpos, a poluição trazida pelos brancos e as doenças da civilização que infelizmente começaram a fazer parte do seu cotidiano. O conhecimento mútuo passou a fortalecê-los, o que empresta caráter político ao trabalho de Carelli.

Um trabalho de dez anos, cujas origens o cineasta gosta de recordar. Quando resolveu filmar os índios, revisitou aldeias que já conhecera anteriormente como indigenista. Entrou em contato com as lideranças mais marcantes de cada uma delas e detectou uma tendência que se estava impondo: o reconhecimento da inevitável modernização, mas ao mesmo tempo o desejo de preservação de traços culturais de cada tribo. Duas exigências que costumam ser vistas como antagônicas.

Desses contatos iniciais nasceu a série *Vídeo nas Aldeias*, que conta com 16 títulos. "Com esses primeiros trabalhos fomos testando as reações, para ver como eles se sentiam a partir do material gravado", lembra-se. Com a boa receptividade, o processo foi evoluindo.

O grupo de Carelli passou a funcionar como uma espécie de pombo-correio eletrônico, conforme expressão do cineasta. Foram fundando videotecas pelas aldeias e continuaram a produzir. Além de material de uso local, produziram também documentários destinados ao grande público, como é o caso de *A Arca dos Zo'e'*, o mais conhecido deles. A partir desses trabalhos, grupos indígenas passaram a se visitar e a se filmar com frequência. Nasceu entre eles a necessidade de intercâmbio por intermédio do audiovisual.

**Material rico** - O conceito de base de toda essa atividade atende pelo nome de "auto-representação". Ou seja, a apropriação das imagens pelos próprios produtores da cultura em questão. Além disso, segundo Carelli, há imagens que só os índios são capazes de documentar de maneira completa. "Quando vamos registrar um ritual, por exemplo, falta-nos o conhecimento daquela realidade e da língua para compreendê-lo." Há ainda outro fator: quando é um cineasta branco que comanda a filmagem, sua simples presença, estranha àquela civilização, interfere no que está sendo registrado ou inibe os participantes.

Os resultados dessa linha de trabalho têm sido surpreendentes, afirma Carelli. Segundo ele, algumas aldeias já contam com ótimos cinegrafistas em suas populações. Falta passar para um estágio mais analítico, em vez de simplesmente descrever os rituais. No entanto, o material já acumulado é muito rico. "Os xavantes, por exemplo, já dispõem de um acervo incrível sobre seus cerimoniais, o que é inestimável em termos de documentação", diz.

Essa iniciativa de Carelli - e os resultados já conseguidos até agora - vai de encontro a um preconceito há muito arraigado entre brancos civilizados e de boa-fé. Pensa-se que, para proteger os indígenas, é imprescindível isolá-los. E, principalmente, evitar que suas culturas sejam poluídas por qualquer tipo de intrusão tecnológica. O que Carelli tem constatado é exatamente o contrário: "O registro em vídeo mediatiza a tradição e por isso vai a favor dela." Ou seja, com a documentação de rituais e cerimônias, os índios passam a tomar maior consciência de sua cultura, bem como das semelhanças e diferenças que essa apresenta em relação às demais. Como se esse moderno espelho que agora lhes é familiar tivesse a função não mais de descaracterizá-los, mas de revelar-lhes o valor da diferença.